



A vegetação muito rala agrava a falta de umidade do ar

27 MAI 1988 JORNAL DO BRASIL Sarney muda-se para o Torto

Seca de Brasília tira do Alvorada o presidente alérgico

BRASÍLIA — O presidente José Sarney está arrumando as bagagens. Parte rumo ao antigo santuário do ex-presidente João Batista Figueiredo — a Granja do Torto. Foge do desconforto que impera no Palácio da Alvorada nesta época do ano, quando a seca toma conta de Brasília, reproduzindo o clima de um deserto. Durante o dia, o calor é insuportável. À noite, sopra um vento gelado, e tudo isto associado a uma umidade relativa do ar tão baixa que, por vezes, chega a fazer inveja até ao deserto do Saara.

A mudança presidencial não será definitiva — apenas uma temporada de dois meses, provavelmente agosto e setembro, quando a umidade relativa do ar atinge seu mais baixo nível. Para os demais brasilienses, enfrentar a seca significa lançar mão de expedientes, como espalhar pela casa recipientes cheios de água.

Este ano, a Defesa Civil, a Secretaria de Saúde e o Corpo de Bombeiros do Distrito Federal estão montando uma operação de emergência para enfrentar o período de seca, inaugurado no início do mês, e que tende a ser um dos mais prolongados dos últimos anos, segundo o Instituto Nacional de Meteorologia (Inemet). No momento em que o resto do país enfrenta dias frios e chuvosos, com enchentes em Curitiba e São Paulo, na capital federal dezenas de incêndios começaram a irromper nas reservas florestais. Por outro lado, a Secretaria de Saúde admite um aumento considerável de casos de infecção respiratória, responsável por 50% das emergências nos

hospitais da cidade, devido à baixa umidade do ar.

Pouca chuva — O major Adversus Luiz Baby, da Defesa Civil, informou que já foram detalhadas as providências para o caso de a umidade relativa do ar cair abaixo de 13% — índice mínimo admitido pela Organização Mundial da Saúde —, como ocorreu no dia 27 de agosto do ano passado. Será reduzida a jornada de trabalho no comércio, indústria e serviços públicos e escolas serão fechadas, entre outras medidas. A Defesa Civil também desenvolverá um trabalho conjunto com as unidades sanitárias, para orientar sobre as doenças ocasionadas pela baixa umidade do ar.

Nos primeiros cinco meses do ano choveu 954,2 milímetros, menos do que a média normal do período (1 mil 602mm). Também a umidade do ar anda muito baixa. Na semana passada, esteve a 36%, quando a média normal de maio é de 69%. O meteorologista Eude Batista de Moura acredita que ela chegará a limites mínimos suportáveis em julho, agosto e setembro, quando são mais fortes os efeitos da seca.

Para alertar o Corpo de Bombeiros, o Inemet está divulgando, desde o início do mês, um "índice de inflamabilidade", ou seja, o risco que corre a vegetação de entrar em combustão espontânea. Do dia 14 ao dia 19, ocorreram 68 focos de incêndio nas reservas florestais de Brasília, mais do que os 65 registrados em todo o mês de maio do ano passado. Isto levou o governador José Aparecido a criar a Companhia de Combate a Incêndio Florestal, que aguarda verbas federais para equipar-se.

O IBDF e os Bombeiros, para minorar os danos dos incêndios, vão montar sete acampamentos em áreas críticas, para patrulhamento permanente, inclusive com aviões ultraleves, enquanto a Defesa Civil coordena uma campanha de conscientização da comunidade.

Críticos não perdoam o palácio

Dona Marly já avisou que só vai ficar na Granja do Torto durante os meses mais agudos da seca. Os assessores de Sarney — que sofre de uma alergia renitente — não perdem a oportunidade de falar mal do Alvorada, onde a vegetação é rala. Usam até o argumento dos médicos, que culpam o palácio pela alergia que não cede.

Ao trocar o Alvorada pela Granja do Torto, Sarney vai aumentar seu percurso em cerca de 15 quilômetros, mas estará procurando, no desconforto da viagem um pouco mais longa até o Palácio do Planalto, fugir dos riscos de infecções pulmonares, minimizar o processo alérgico e — detalhe importante — evitar a queda da oxigenação do sangue no cérebro.

O pneumologista Carlos Saraiva e Saraiva, da Federação Nacional dos Médicos, afirma que em Brasília, por causa da altura, o oxigênio é mais rarefeito, chegando a 70% de milímetros de mercúrio, quando o ideal seria em torno de 98%. "Isso, ao lado da secura desta época, provoca, entre outras coisas, um cansaço fácil e dificuldade na respiração, atingindo mais diretamente idosos e crianças", adverte o pneumologista.

Saraiva reconhece que o clima é uma característica da região, mas que não é

bom para o ser humano, que viveria melhor com uma umidade do ar em torno de 60 a 65% (como ocorre ao nível do mar). Mas, como Sarney tem que viver no centro do poder e acredita que o Palácio da Alvorada é um símbolo de Brasília, além de ser a casa do presidente, aceitou mudar-se para o Torto apenas provisoriamente. "O presidente é muito fanático pela liturgia do poder", resume um assessor.

Além de ser a casa do presidente, o Palácio da Alvorada é uma das mais belas criações de Oscar Niemeyer na capital, embora sua fachada de vidro seja alvo de críticas por acumular muito calor.

Um assessor confidencia que a família de Sarney sofre de "falta de conforto", além de estar permanentemente "com a sensação de viver em uma estufa". Para os críticos, mesmo os grandes espaços trazem desconforto, obrigando a longas caminhadas entre os quartos e a cozinha para um lanche improvisado no meio da noite. Até alguns de seus detalhes foram considerados perigosos, como a rampa interna, que ganhou um corrimão, apesar da oposição de Niemeyer, depois que o ex-governador de Rondônia, Getúlio Cruz, despencou lá de cima num passo em falso dado para trás após uma reunião.